

Regnault, o infeliz lutador de Montretout Buzenval e uma das maiores glórias da geração artística de 1870, exclamava diante d. m vé-lho corpete de camponesa do Danúbio:

— E' belo, é deliciosamente belo!

Quanta comoção nesta frase espontaneamente soltada dos lábios dum dos mais ardentes coloristas da França! Quanto entusiasmo abalando a retina deste belo rapaz, cheio de talento e de ambições, vendo rasgar-se ante si um horizonte glorioso! quanto amor na contemplação dum estôfo, duma tapeçaria, duma porcelana!

Os «maestros» da côr são como os «maestros» do som. Na pintura como na música as notas vinculam-se e encadeiam-se, os acordes murmuram ou respondem à voz duma toada, os *allegros* entrelaçam-se como rendas finas, os andamentos graves e solenes passam como cortejos, os motivos *vivaces*, impetuosos ou apaixonados, brincam, invadem como vagalhões em fúria, e ciciam como amorosos em colóquio. Há «maestros» como pintores: da linha; «maestros» da forma, escultores do som. Há os artistas divinamente vagos e sonhadores, os que adormecem à beira dos precipícios, ouvindo o espadanar das águas nos despenhadeiros, os que mergulham o olhar pelos largos horizontes solitários, à hora do sol-pôsto, os que raramente conseguem empolgar a visão dos seus sonhos, a borboleta azul e oiro que lhes adėja pela frente e os embriaga com o aroma do impalpável pó que se desprende das suas asas palpitantes. Ante um extenso *plateau*, êrmo, e do píncaro duma penedia escavada, diz Sthen-dal:

— Música de Mozart!

E o espaço por onde vagueia a luz, a imensa planície e o oceano ao longe morrendo no areal desolado, parecem entoar uma das mais saii-

# Os "Maestros" da Côr

dosas árias do divino artista.

Os «maestros» da côr, os *virtuosos* do sol, roubam a alma à tinta, vão buscar ao sangue, à noite, ao metal e à planta as maravilhosas executantes das suas sinfonias. Duas côres odeiam-se, invejam-se, e quando colocadas a par, lutam e apagam-se; o artista envolve-as, mistura-as, alma com alma, ódio com ódio, e desta amálgama ressurgue uma tonalidade. Duas tintas amam-se, adoram-se; coloque-se uma pelo braço da outra; ambas revivem brilhantemente, desabrocham, e um novo sangue lhes aflui à epiderme. Desta delicadíssima combinação, deste precioso trabalho de harmonia, resultam as mais belas e magnificentes produções do cole-rido.

Assim, o *belo ideal* consiste na escolha de muitos elementos espalhados pela natureza, os quaes chegam a formar um todo perfeito, superior à própria natureza. E' êste o meio pelo qual o artista pode atingir a ideia naquela forma central, de que, desviando-se, cairá em grande êrro.

Um antigo tapete da Pérsia, das manufacturas de Daghestan, por exemplo, onde se tem levado a justeza e combinação das côres ao seu mais alto e original grau, é disputado entre dois amadores obscuros, entre dois fanáticos; paga-se muitas vezes por um pano bronze o que se não daria por uma bela escrava do Levante. Setins recamados, mantos de árabe, incrustações, a côr, de coronhas montenegrinas, estofos remotos de fabrico escossês, mil preciosidades produzidas a maior parte das vezes pelas mãos pacientes dum selvagem no fundo duma tenda, no deserto ou em qualquer aldeia longínqua, são

pagas a pêso de oiro e expostas nas *vitruinas* dos museus das grandes metrópoles...

Nós, e é aqui que queremos chegar, possuímos em *costumes* tudo o que há de mais original. As *toilettes* das camponesas do Minho, do Douro, de quasi todas as províncias do norte do país, têm o carácter mais nítido e mais delicioso que é possível imaginar-se. Como aquellas raparigas ignorantes vão buscar, na sua ingénua *coqueterie*, os adornos mais pitorescos e mais vivos! Em cada região há uma côr predominante, a mais característica, que traça a fisionomia particular do povo. Numas o amarelo, o laranja e o rubro; aquella primeira côr evidencia-se, de resto, em quasi todo o norte; noutras o branco e o preto, o azul e o roxo. O oiro põe uma nota fina na côr por vezes sombria dos lenços que estreitam os bustos.

Ora, precisamente, os nossos artistas desviam-se, em grande parte, do particular estudo desta inexgotável fonte de ensaios. Os do norte, mais em contacto com a população eminentemente nacional, fazem daí o motivo dos seus trabalhos; não faltam os modelos e o assunto é adorável. Os do sul, porém, cultivam mais o que nós chamaríamos a matéria vasta da pintura, que só é dado ás paletas dum larguíssimo fôlego e exercidas em manifestações bem sentidas e, sobretudo, bem delineadas.

Não resta só conceber ou apreender um trecho de paisagem ou um fragmento do drama humano: é necessário fazer palpitar tudo isto, chegar-lhe um pouco a inspiração e o talento. O estudo das nossas camponesas e camponeses é dos mais interessantes.

JAIME CIRNE

## O senhor Júlio Dantas traíu M.<sup>me</sup> X (Continuação da pag. 5)

vização ao objecto, combatendo a fobia imitativa, etc.! Muito se aprende com o senhor Júlio Dantas! O leitor já terá comprehendido que não se pode ligar grande importância, quer ao saber, quer à seriedade critica manifestadas nas passagens transcritas, pela simples razão de que não se vislumbra nem amostra delas. Deixemo-nos de ilusões: o senhor Júlio Dantas nem sequer sabe o que significam as palavras monstruoso, cânone e cubista, que emprega na passagem agora mesmo citada. Prova-se: na Exposição não existem pinturas cubistas, pela simples razão de que o cubismo foi chão que deu uvas... e que já acabou de as dar há mais de dez anos. Cânone é expressão que só se pode aplicar a uma arte... canónica, isto é, obedecendo a uma série de princípios pre-estabelecidos; ora nem as «verdadeiras» pinturas cubistas, nem as que o não são embora o senhor Júlio Dantas lho chame, estão nesse caso. Finalmente, monstruoso é aquilo que foge à regra natural, e só há coisas monstruosas em relação a qualquer norma; ora, norma é o cânone, e se há cânone não pode haver monstruosidade. Quererá o leitor que eu proceda a igual análise de todo o artigo do supracitado académico? Espero que a amostra seja sufficiente. A verdade é porém que não me interessa provar, em pequeninos detalhes, o absurdo do artigo. O meu objectivo é ir mais longe e mais fundo, para além das pequeninas amostras das pequeninas insuficiências; estas não são mais do que os reflexos da íntima insuficiência que as consente:

a falta de verdadeiro sentido do que seja a cultura em geral, a arte e a literatura em especial. E é um Júlio Dantas que nos vem falar do «verdadeiro sentido da beleza e da dignidade humana!» Que mentalidade de escravos nêle e nos seus pares! que absoluta incapacidade para entender a profunda renovação que o nosso século realizou na arte como na literatura! que ridículo o deste homem, e de tantos como êle, agarrando-se desesperadamente aos seus preconceitos, às suas receitazinhas de fabricar literatura—e imaginando-se defensores de alguma coisa de vivo e fecundo! Quando chegarão êles a compreender que a «beleza» deles é apenas a recordação duma beleza de que perderam o rastro, e que a nossa beleza não pode ser senão a que fôr à medida da nossa maneira de ser? Mas não é «metálica» e muito menos «mechanizada», e muito pelo contrário bem humana e viva. S. Ex.<sup>a</sup> é tão desastradinho que diz precisamente o contrário do que seria preciso para não sermos obrigados a considerá-lo... digamos: distraído, e esquecendo com frequência o que evidentemente não pode deixar de saber... Mas é tão engraçado ver o senhor Júlio Dantas sair do meio dos seus *bibelots* deliciosamente roccó, desprezar o seu banquinho aos pés de Mme X, as gracinhas, as deliciosas ninharias da vida de salão, e aparecer-nos feito campeão de culturas e civilizações, como se lhe fôsse possível esquecer o seu passado inteiro, cheinho de atentados à cultura e à literatura, sem distinção de tempos e de origens!